

EDUCAÇÃO

e' investimento

UNICEF TEME QUE CORTE DE RECURSOS REPRESENTE UM RETROCESSO NOS AVANÇOS DO PAÍS NO SETOR

A sala de aula da escola municipal... para começar, pouco inspiradora, carente de materiais instrucionais básicos, estava cheia de crianças que cochilavam ou sonhavam acordadas... que eram pequenas demais para sua idade; outras, com a barriga claramente inchada, reclamavam de dor de barriga causada por parasitas e vermes, enquanto outras ainda eram atormentadas por coceiras provocadas por piolhos, oxiúros, sarna e outras infecções de pele comuns. Crianças de todas as idades e talentos variados eram expostas às mesmas aulas repetitivas, nivelladas por baixo para os alunos mais lentos.

Descrição de uma sala de aula no Brasil feita por técnicos do Unicef

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

O Brasil está indo bem. Há mais crianças na escola, programas de qualidade de ensino começam, aos poucos, a dar resultados. Mas os cortes no orçamento da educação ameaçam o que foi conquistado até agora. Se o país definiu mesmo a área como prioridade, tem que evitar reduzir os recursos. O puxão de orelhas, feito pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), aconteceu na apresentação do relatório Situação Mundial da Infância, que este ano tratou da educação.

"Em todo país que tem que fazer ajustes fiscais os cortes são normais; o que não se deve fazer é cortar em programas que são essenciais", disse Agop Kayayan, representante do Unicef no Brasil. "Todo governo tem coisas menos importantes que podem ser cortadas sem dano."

Kayayan classifica as alterações feitas no orçamento da educação brasileira como "razoáveis". Para o próximo ano, o governo federal reduziu — ao menos por enquanto — em R\$ 650 milhões os investimentos. Exigências de outro organismo internacional, o Fundo Monetário Internacional (FMI), para liberar o dinheiro que salvaria o Brasil de quebrar com a crise internacional.

O temor do Unicef é que a falta de dinheiro reflita negativamente no que o Brasil conquistou até agora.

"A educação é o que vai fazer ou quebrar países", afirmou Kayayan. Ele tem razão. Todos os países que conseguiram grande crescimento e boa qualidade de vida primeiro investiram pesadamente em educação. É o caso de Japão e Coréia, que saíram de taxas altíssimas de analfabetismo para praticamente 100% de crianças na escola e toda a população sabendo ler e escrever.

Um país em que a média de escolaridade da população é cinco anos e meio, como é o caso do Brasil, não tem apenas pessoas despreparadas. Tem, também, um custo maior para atender essa população e produzir. "Custaria menos manter o país funcionando", diz o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque.

O representante do Unicef lembra que, com a economia globalizada, vende e fatura mais o país que conseguir um preço mais baixo nos seus produtos mantendo a boa qualidade. E trabalhadores com mais educação trabalham melhor, sem deserdícios, e custam menos. "A Argentina, onde a média de anos de escola é oito, vai ter um custo menor do que o Brasil", explicou Kayayan. Resumindo: a educação deixou

de ser algo a mais, para quem pudesse se dar o luxo de estudar, e passou a representar uma questão de sobrevivência dos países. E cabe aos governos — e às sociedades — tomar a decisão de investir, ou não, em escolas e professores.

NECESSIDADES DA PRÓXIMA DÉCADA

O Unicef estima que os países deveriam investir mais R\$ 7 bilhões na Educação

De acordo com o relatório do Unicef, o mundo todo precisa de mais investimento em educação — e mais decisão política. São 130 milhões de crianças fora da escola. Hoje, gasta-se US\$ 80 bilhões por ano no ensino pelo mundo. Os cálculos do Fundo mostram que com mais US\$ 7 bilhões anuais durante a próxima década, seria possível atingir a meta da matrícula universal no ensino fundamental até 2010.

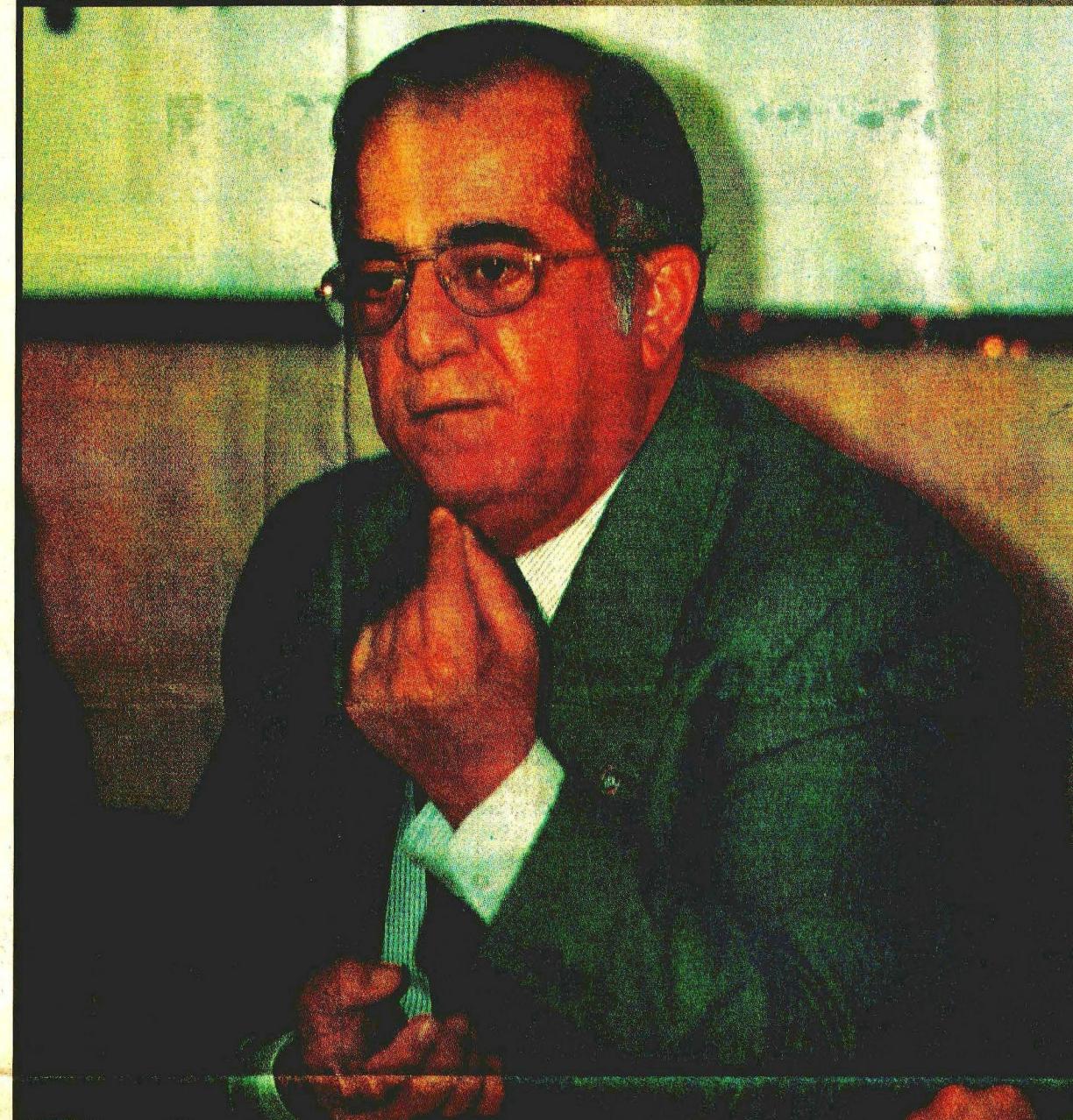
Os recursos são equivalentes ao que os americanos gastam anualmente em cosméticos, e os europeus em sorvetes. Na América Latina, o investimento a mais deveria ser de US\$ 1,1 bilhão — cerca de 10% do orçamento anual do governo federal brasileiro para a área.

O problema brasileiro é que a maior parte desse orçamento é usado no ensino superior. Também é desproporcional o gasto com as universidades em relação ao Produto Interno Bruto (o PIB, soma das riquezas que um país produz durante um ano). O investimento brasileiro, somando os recursos federais, municipais e estaduais, é equivalente ao dos países ricos: 5% do PIB. Só que, neste dinheiro, 1,5% vai para o ensino superior. Os 3,5% restantes são divididos entre o fundamental, médio, técnico, alfabetização de jovens e adultos, educação especial, infantil etc.

"Durante muito tempo o Brasil teve investimento terrivelmente descontrolado entre ensino fundamental e universitário", criticou Kayayan. "Investiram muito na universidade, que era para a elite, e esqueceram a maioria da população."

Essa é uma característica das nações em desenvolvimento, segundo o relatório. Quando deixaram de ser colônia, esses países passaram a criar cursos superiores para atender às necessidades da industrialização que começava. E esqueceram o ensino primário público, delegado ao MEC em São Paulo, e uma das principais assessoras do

André Corrêa



MEDO DA TESOURA

O governo federal reduziu em R\$ 650 milhões os investimentos na Educação. Isso assusta o Unicef. "Todo governo tem coisas menos importantes que podem ser cortadas sem dano", reage Kayayan, representante da instituição no Brasil

UNIVERSIDADE PARA A CLASSE MÉDIA

Quase a totalidade dos universitários são de classe média e estudaram em escolas particulares

Números do Banco Mundial usados pelo Unicef mostram que, em média, 33% dos gastos públicos mundiais em educação beneficiam a quinta parte mais rica da população. Do outro lado, apenas 13% vão para a quinta parte mais pobre. Quando se fala de universidades, o caso fica mais grave: 66% dos gastos são usados para beneficiar a população mais rica.

O Brasil é um exemplo. O próprio Ministério da Educação avalia que 80% dos estudantes das universidades públicas sejam de classe média ou alta. Pelo menos 55% deles estudaram em escolas particulares durante o 2º grau.

"O Brasil teve vários erros de prioridade, não só em investir mais na universidade, mas nas necessidades do próprio ensino fundamental", afirma Gilda Portugal, delegada do MEC em São Paulo, e dirigido às classes mais baixas. Afir-

ministério. Durante décadas, investir em educação no conceito brasileiro era construir escolas. Sem planejamento ou cuidado com a qualidade, o país cresceu com milhares de salas de aula cheias de alunos sem estímulo, professores mal remunerados, material didático inadequado.

Mas nem tudo são sombras na educação brasileira. O país ganhou nota 5 do Fundo, mas os esforços do governo brasileiro e dos estados e municípios foram elogiados pelo Unicef. Diversas iniciativas foram apontadas como exemplos de ações para contornar problemas sérios encontrados nas nações em desenvolvimento. "Os problemas são muito grandes, mas o Brasil está no caminho certo", disse Kayayan.

O Unicef destaca o fato de o Brasil ter conseguido chegar a 95% de crianças de 7 a 14 anos no ensino fundamental — ou 96,5% de crianças nessa faixa se incluídas as classes de alfabetização. "É algo que me surpreendeu que o Brasil pudesse fazer tão rápido", afirmou o representante do Fundo. Em 1990, o país tinha 90% das crianças na escola.

Os 5% que faltam são um dos principais desafios do Brasil, segundo o Unicef. Nesses 1,2 milhão de crianças estão os que trabalham porque não têm escolha, os deficientes — excluídos da escola regu-

lar por falta de uma política eficiente — e aqueles que ficaram de fora de qualquer sistema social. Meninos de rua, meninas exploradas sexualmente.

BOLSA-ESCOLA E TRABALHO INFANTIL

O programa foi festejado pelo Unicef — que acha, também, que a sociedade hoje se preocupa mais com educação

Colocar essas crianças na escola fica cada vez mais difícil. Não basta apenas garantir a vaga e fazer campanha para que a família matricule na escola. "A questão do trabalho infantil envolve muita coisa", explica Gilda Portugal.

"Envolve a punição para quem explora, mas também projetos como o Bolsa Escola, que garanta renda para a família."

O Bolsa Escola também foi citado pelo Unicef como uma das melhores soluções para o trabalho infantil. Assim como programas com meninos cortadores de cana em Pernambuco, ou os que trabalham na colheita de laranja em Sergipe. Em todos os casos, as famílias recebem um salário se garantirem que seus filhos permaneçam na escola.

Casos como esses — e outros citados — representam o principal

EDUCAÇÃO PARA TODOS

Os investimentos precisam crescer US\$ 7 bilhões/ano em todo o mundo

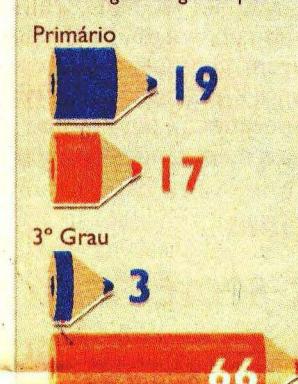
	Gastos anuais atuais	Gasto adicional médio necessário por ano	
	US\$ (bilhões)	% do PNB*	US\$ (bilhões)
Paises africanos ao sul do Saara	7.0	1.9	1.9
Ásia Meridional	9.0	1.9	1.6
Oriente Médio/Norte da África	14.0	2.5	1.6
Leste da Ásia/Pacífico	20.0	1.2	0.7
América Latina/Caribe	30.0	1.8	1.1

*Médias não ponderadas

Quem se beneficia
Porcentagem de gastos públicos



Comparativo
Porcentagem de gastos públicos



• Quinta parte mais pobre
• Quinta parte mais rica

avanço do país, de acordo com o Fundo. "O Brasil tomou a decisão política", garantiu Kayayan. A sociedade brasileira passou a se preocupar mais com a educação, a cobrar mais do governo, e a investir mais. Ele cita exemplos de empresas privadas que começaram a trabalhar com educação, seja construindo escolas ou apoiando projetos. "Há um reconhecimento da necessidade de se investir."

Mas isso não basta. O Brasil fez muito para melhorar a qualidade de ensino — os livros didáticos, parâmetros curriculares, o Fundo de Valorização do Ensino Fundamental (Fundef), que redistribui recursos para estados e municípios. Mas ainda falta.

A evasão e a repetência, como adiantou o Correio na edição de ontem, são os problemas brasileiros mais criticados pelo Unicef. O Brasil está no fim da fila — junto com Haiti e Nicarágua — na taxa de repetência na 1ª série: 44%. "Já fizemos a campanha de toda criança na escola. Esse ano temos que fazer a de toda criança ficar na escola", afirma Gilda Portugal. Em relação à repetência, o quadro ainda é caótico. Em média, os estudantes brasileiros levam 11 anos para completar as oito séries do 1º grau.

A conclusão que se pode chegar é que o Brasil, mesmo com dificuldades, encontrou um caminho. Basta agora ter vontade de seguir por ele.